

A cobertura socioambiental não dá clique?

Em tempos de abundância de informação, o que o depoimento dos profissionais, as métricas das redações e o impacto público contam sobre o jornalismo¹

Agostinho Vieira²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo

Este artigo propõe uma discussão sobre a importância do jornalismo para o enfrentamento da crise climática, refletindo sobre a sua função social e o interesse do público por notícias na contemporaneidade. O trabalho apresenta um estudo de métricas que revela as audiências de reportagens publicadas em 2023, em veículos brasileiros da mídia tradicional, sobre cinco temas socioambientais relevantes comparados com os assuntos mais lidos do dia. A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com 15 jornalistas, com mais de 20 anos de experiência, especializados na cobertura de temas socioambientais, busca-se identificar se essa temática desperta ou não o interesse das audiências no competitivo mercado de mídia, marcado pela abundância de informações que circulam nas plataformas e nas redes sociais.

Palavras-chave: jornalismo ambiental, audiência, impacto público, responsabilidade social

“O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados”.

Paulo Freire

Introdução

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Univali – 5 a 6/9/2024

² Mestrando da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e editor do #Colabora, site especializado na cobertura de sustentabilidade. E-mail: agostinhovieira@projetcocolabora.com.br

Nas redes sociais, o ano de 2023 está sendo chamado de o “mais fresco do resto de nossas vidas”. Ultrapassamos pela primeira vez na história a perigosa marca de 2°C de aquecimento global. Teremos, com certeza, o período mais quente dos últimos 125 mil anos (Watanabe, 2023). No dia 15 de novembro, a Organização Meteorológica Mundial divulgou um relatório mostrando que a concentração média de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera atingiu 418 partes por milhão (ppm), em 2022, chegando pela primeira vez a um índice 50% acima da era pré-industrial. A última vez que a Terra registou uma concentração de CO₂ comparável ao nível atual foi entre 3 e 5 milhões de anos atrás. Naquela época, a temperatura estava entre 2° e 3° C mais quente e o nível do mar era de 10 a 20 metros mais alto (Diniz Alves, 2023). Como definiu o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, a urgência climática é “o desafio multilateral de nossa época”. O impacto será sentido “em todas as áreas da atividade humana” (Há muito..., 2021). Junte-se a isso o genocídio de povos indígenas, a destruição das florestas, a poluição das águas e o do solo, a dependência da energia fóssil, o crescimento desenfreado do consumo, o aumento da fome e chegaremos ao colapso previsto por Jared Diamond (2005). Ou ao decênio decisivo preconizado pelo professor Luiz Marques:

A ameaça existencial à espécie humano não é mais apenas uma conjectura teórica, situada em um futuro distante. Essa ameaça se impõe hoje como algo real, iminente e crescente no horizonte de tempo deste século, mesmo na ausência de uma guerra nuclear (Marques, 2023, p. 26)

Diante deste cenário de catástrofe, qual seria o papel do jornalista, de um modo geral, e do jornalista ambiental, em particular? Como levar a cabo a sua tão propalada responsabilidade social e a sua função de produtor de conhecimento? Nesta investigação, como parte da pesquisa de mestrado do autor, foram feitas entrevistas em profundidade (Duarte, 2015) com 15 jornalistas ambientais, das cinco regiões do país. Duas perguntas básicas guiavam o questionário: a) Quais são os maiores desafios da cobertura ambiental na contemporaneidade? b) Em que medida, a crise da indústria jornalística e o advento do negacionismo estariam interferindo no trabalho? Entre as repostas, um aspecto acabou ganhando uma inesperada relevância: leitores e espectadores estariam cansados e desinteressados de acompanhar os temas socioambientais, por mais graves e urgentes que sejam. Nas palavras de alguns profissionais: “A cobertura ambiental não dá clique”. Será? Este é o objetivo deste artigo, discutir se a audiência deixou mesmo de se interessar por esses assuntos. Se a resposta for sim, quais seriam as razões? Que mensagem está sendo transmitida? Seriam as métricas de audiência, tão populares nas redações de hoje, a

melhor forma de qualificar o trabalho jornalístico? Questões como essas, que compõem o corpus do artigo, foram discutidas com os jornalistas, todos com mais de 20 anos de experiência, e que trabalham em veículos da referência da mídia nacional e nos novos “arranjos” jornalísticos (Nonato, Pachi Filho e Figaro, 2018). Além das entrevistas, foram analisadas as audiências de cinco temas socioambientais relevantes que aconteceram ao longo de 2023, comparadas com os assuntos mais acessados do dia, como ficará claro na metodologia. As métricas foram solicitadas aos editores dos três jornais de maior relevância do país: O Globo, a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo. A hipótese deste artigo é a de que leitores e espectadores estariam sim cansados de tanta informação, de tantas escolhas em tempo real. O tom das coberturas socioambientais, focadas em tragédias e com poucas perspectivas de futuro, também não estariam ajudando. A opção pelo entretenimento, por vezes, acaba sendo mais confortável. Por ora, no entanto, faz-se necessário discutir, através de uma revisão bibliográfica, o efeito da abundância de informação na sociedade e o papel do consumidor como ator principal desse enredo, a quem cabe a função de decidir o que ler, ver ou ouvir. Também é importante reavaliar a questão da responsabilidade social do jornalista e o conceito de jornalismo como forma de conhecimento.

Abundância de informação

Em seu livro "Abundance: On the Experience of Living in a World of Information Plenty", o pesquisador argentino Pablo J. Boczkowski se recusa a usar a expressão “excesso de informação” que, na sua opinião, carrega uma carga negativa. Ele prefere “abundância de informação” e explica que, nos dias de hoje, ela engloba não apenas notícias, mas entretenimento e, também, o uso da tecnologia. A concorrência é maior e o consumidor faz suas escolhas: “Uma visita média a um dos 50 principais sites de notícias dos EUA dura menos de 150 segundos. Na semana em que um thriller popular estreia no Netflix, o usuário dedica 150 minutos/dia a isso” (Boczkowski, 2021). O pesquisador, no entanto, refuta a ideia de que as pessoas estejam mal-informadas. Em entrevista à jornalista Marina Estarque, no lançamento do seu livro, Boczkowski argumenta que os leitores, hoje, apenas estão se informando de uma forma diferente:

Acho que atualmente as pessoas sabem menos sobre mais coisas. Antes sabiam mais sobre menos coisas. Porque agora você não precisa mais procurar informações, elas estão no ambiente que nos rodeia. Tem um pouco no WhatsApp, no Facebook... claro, você não sabe muito sobre cada coisa, mas tem uma ideia sobre mais coisas (Estarque, 2021)

Houve um tempo em que as pessoas se sentavam para ler o jornal ou para assistir ao noticiário na televisão e não faziam mais nada. Para Boczkowski, no entanto, o que realmente afastou as pessoas das notícias foi o sentimento de que elas seriam tendenciosas e focadas em tragédias:

Hoje em dia, elas se informam de maneira secundária ou derivada, ou seja, cada vez menos se sentam para ler o jornal e, quando estão se informando pela televisão, o fazem enquanto preparam a comida ou olham as redes sociais com o outro olho. Há um sentimento de que as notícias não só parecem ser fortemente tendenciosas, como excessivamente focadas em tragédias (Boczkowski, 2021, p.122).

O sociólogo português Gustavo Cardoso segue mais ou menos na mesma linha. Ele cita Umberto Eco (2021) para falar sobre a comunicação da comunicação como um fenômeno novíssimo e ao mesmo tempo tradicional. Trata-se da antiga prática da comunicação interpessoal, quando alguém conta algo para outra pessoa que, por sua vez, conta ao seguinte e assim sucessivamente. Alguns podem chamar de fofoca, mas em tempos de midiaticização, elas se manifestam através dos compartilhamentos e likes nas redes sociais. Cardoso defende que essa mediação moldou a nossa comunicação em rede de tal forma que transformou a cultura de massa em uma cultura midiaticizada, “criando, nesse processo, um novo paradigma comunicacional, no qual nós, as pessoas, é que somos a mensagem” (Cardoso, 2023).

Nesse contexto de informação cada vez mais abundante e transmissão pulverizada da mensagem, qual seria a função do jornalismo? Em junho de 1997, vinte e cinco jornalistas se reuniram no Harvard Faculty Club, em Boston, para discutir os problemas da profissão. Do grupo, que mais tarde recebeu o nome de Comitê dos Jornalistas Preocupados, fazia parte James Carey, professor da Faculdade de Jornalismo de Columbia. Carey resumiu assim a situação: “O problema é que vemos o jornalismo desaparecer dentro do mundo mais amplo da comunicação. O que ansiamos fazer é resgatar o jornalismo desse mundo maior” (Kovach, Rosenstiel, 2004, p. 20)

Após dois anos de trabalho, Carey e seus colegas chegaram a uma lista com nove pontos que chamaram de Elementos do Jornalismo. Os três primeiros tratam do compromisso com a verdade, a lealdade com os cidadãos e a disciplina da verificação. Itens que, sem dúvida, fazem parte da chamada responsabilidade social do jornalista. A expressão, por vezes controversa, historicamente tem sido usada como bordão de campanhas institucionais de empresas de comunicação. Luiz Amaral, em seu livro *Técnica de jornal e periódico*, levanta três possibilidades para a disseminação dessa ideia

de reponsabilidade social. A primeira seria a inspiração modernista que imaginava a imprensa capaz de levar as luzes a todos e, por isso, teria a função social de elevação cultural. A segunda, uma concepção baseada em Gramsci, de um intelectual orgânico responsável pela informação e formação da população. Por fim, como terceira hipótese, uma expressão do capitalismo pelo qual a sociedade delegaria à imprensa o poder de fiscalizar as instituições em seu nome (Amaral, 1978). Fábio Henrique Pereira alerta que muitas dessas interpretações referem-se a concepções românticas e cita alguns conflitos:

O jornalista é, ao mesmo tempo, funcionário de uma empresa capitalista, responsável pela produção de uma mercadoria (a notícia) submetida às leis de mercado; e uma espécie de contrapoder, cuja autoridade, delegada pela sociedade, lhe permitiria fiscalizar as instituições em nome do interesse público. (Pereira, 2004)

Os interesses comerciais também foram apontados por Becker e Waltz (2021) como um dos problemas que fragiliza o jornalismo. Até que ponto as próprias organizações jornalísticas estão substituindo o interesse público pelo interesse do público? Para os autores, “a busca da rentabilidade máxima redefine a prática jornalística, são concedidas prioridade a determinadas editorias para maximizar as audiências com fortes conteúdos emocionais, anedóticos e sensacionalistas” (2021, p. 100). Nelson Traquina registra que foi no século XIX que se definiram os dois polos dominantes do campo jornalístico moderno: o “econômico” ou “comercial”, com as notícias sendo transformadas em “mercadoria de um negócio cada vez mais lucrativo” e o “ideológico” ou “intelectual”, que identifica a imprensa “como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer seus direitos democráticos” (Traquina, 2005, p. 125- 126). A tal responsabilidade social estaria no segundo polo, mas sendo constantemente acossada pelo primeiro.

Fabiana Moraes chama a atenção para o fato de que a imprensa tradicional alimenta a ideia de um jornalismo “isento” em oposição a um jornalismo “contaminado”. “Essa isenção é uma falácia que esconde práticas permeadas por interesses - empresariais, políticos e ideológicos – todos postos sob o discurso de neutralidade” (Moraes, 2022, p. 144). Para ela, é possível adotar uma prática jornalística engajada, “a partir de posicionamentos na contramão da misoginia, do racismo de cor e classe e em diversas outras formas de outrofobia”:

Me pergunto se podemos chamar de “causas” assuntos como o feminicídio, a transfobia, o classismo e, nesse caso, penso nas implicações de escolher estar ou não molhados (para usar um termo freiriano) por essas questões –

como se fosse possível não estar. Essas temáticas são obviamente políticas, muito embora não sejam valoradas como tal por uma importante parcela dos e das jornalistas (Moraes, 2022, p. 158).

Algumas vezes, as discussões sobre responsabilidade social e credibilidade no jornalismo caem na armadilha da simplificação. De um lado, as mídias convencionais não poderiam falar em responsabilidade social porque são empresas capitalistas. Logo, estariam comprometidas com o lucro a qualquer custo. Do outro, os nativos digitais não teriam credibilidade, pois defendem declaradamente certas causas. Essa falsa dicotomia, que ignora todas as nuances do mercado e do jornalismo, deixa de lado dois personagens absolutamente fundamentais para a equação: o jornalista e o leitor. Como explica Jesús Martin-Barbero, essa concepção “teológica” do poder – considerado onipotente e onipresente – levou à crença de que bastava analisar os objetivos econômicos e ideológicos dos meios de massa para se descobrirem as necessidades que provocavam e como submetiam os consumidores:

Entre emissores-dominantes e receptores-dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas (Martin-Barbero, 2008, p. 281-282).

Os jornalistas como agentes sociais

No caso dos jornalistas, perdura uma crença, por vezes acompanhada de teorias da conspiração, de que eles teriam um papel passivo nos debates e nas decisões editoriais. Repórteres e editores seriam coadjuvantes impotentes diante do poder instituído. “Para entender o que acontece no jornalismo, não é suficiente saber quem financia as publicações, que anunciantes estão pagando pela publicidade, de onde os subsídios vêm” (Bourdieu, 1995, p. 4-5, apud Carvalho, 2017). Para o sociólogo francês, outros agentes atuam nesse campo social, entre eles os próprios jornalistas, com suas diferentes visões de mundo, as fontes de informação e o público. Adelmo Genro Filho também refuta as versões de passividade ao constatar que o jornalismo desempenha uma função muito maior que a contestação à hegemonia capitalista. Para ele, um dos papéis relevantes do profissional é a produção social do conhecimento (Genro Filho, 2012).

Pioneiro nessa discussão, Park demarca bem a diferença entre a notícia e a História dizendo que a primeira cumpre o seu papel na atualidade enquanto a segunda na posteridade: “A notícia só é notícia até o momento em que chega às pessoas. Publicada e reconhecida a sua significação, o que era notícia se transforma em História” (Park, 1976,

p.175). Para Meditsch, as pessoas lidam simultaneamente em suas vidas com várias espécies de conhecimento. É possível dar mais ênfase não ao que o jornalismo tem de semelhante com a Ciência ou a História, mas ao que tem de único e original. “O jornalismo não revela mal nem revela menos do que a Ciência: ele simplesmente releva diferente. E ao revelar diferente, pode revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar (Meditsch, 1998). E essa, sim, parece ser uma discussão mais rica: Que conhecimento estaria sendo produzido pelo jornalismo ambiental?

Para o professor Wilson Bueno, da USP, o jornalismo ambiental deveria desempenhar três funções básicas: a informativa, a pedagógica e a política. A primeira, mais óbvia, preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia sobre as questões ambientais, especialmente as que o afetam, como a poluição e o uso de agrotóxicos. A tarefa pedagógica diz respeito à explicitação das causas e soluções dos problemas. Por fim, a função política, no sentido amplo, tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento dos problemas ambientais:

Mídias conservadoras e comunicadores desavisados tendem a ignorar as raízes do jornalismo ambiental, sua disposição irrecusável para a mobilização e para o despertar de consciências, tentando torná-lo refém de ações mercadológicas ou empresariais e interesses políticos (Bueno, 2008, p. 110).

O que pensam os jornalistas?

Para confirmar ou refutar a suposição de que leitores e espectadores estariam cansados do volume de informação e do tom das coberturas, foram feitas entrevistas em profundidade, semiestruturadas, com quinze jornalistas ambientais, das cinco regiões do país. Todos com mais de 20 anos de experiência no assunto e que trabalham em veículos da referência da mídia nacional e nos novos “arranjos” jornalísticos (Nonato, Pachi Filho e Figaro, 2018), conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1: Perfil dos jornalistas entrevistados

Nome	Veículo	Região	Breve perfil
Ana Carolina Amaral	Folha de S. Paulo	Sudeste	Repórter especial, trabalha com meio ambiente há 22 anos e é mestra em Ciências
Ana Lúcia Azevedo	O Globo	Sudeste	Repórter de O Globo há 34 anos. Ganhou o Prêmio Esso e o José Reis de Divulgação Científica

André Trigueiro	TV Globo	Sudeste	Jornalista ambiental há 30 anos. Repórter da TV Globo e apresentador do Cidades e Soluções.
Claudia Gaigher	Freelancer TV Morena	Centro-Oeste	Jornalista e escritora. Especialista em Pantanal. Trabalhou 25 anos na TV Globo.
Claudio Ângelo	Observatório do Clima	Centro-Oeste	Coordenador de Comunicação do Observatório do Clima. Foi editor de da Folha de S. Paulo por 12 anos.
Daniela Chiaretti	Valor Econômico	Sudeste	Repórter especial do Valor desde 2005. Vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo.
Fernando Gabeira	GloboNews	Sudeste	Jornalista, escritor e comentarista da GloboNews. É um dos fundadores do Partido Verde.
Giovana Girardi	Agência Pública	Sudeste	Chefe da cobertura socioambiental da Agência Pública. Foi repórter do Estadão e da Folha de S. Paulo.
José Hamilton Ribeiro	Jornalista aposentado	Sudeste	Jornalista e escritor com mais de 50 anos de experiência. Foi editor da Realidade, do Globo Repórter, do Globo Rural e do Fantástico.
Lúcio Flávio Pinto	Amazônia Real	Norte	Sociólogo e jornalista. Único brasileiro na lista dos 100 mais importantes da ONG Repórteres sem Fronteiras.
Maristela Crispim	Eco Nordeste	Nordeste	Fundadora do Eco Nordeste, foi repórter e editora do Diário do Nordeste. Venceu três vezes o Prêmio Esso de Jornalismo.
Marta Salomon	Revista Piauí	Centro-Oeste	Foi repórter da Folha de S. Paulo e do Estadão. Doutora em Sustentabilidade pela UNB.
Roberta Jansen	Estado de S. Paulo	Sudeste	Repórter de ciência com mais de 25 anos de experiência. Já trabalhou no Globo e na GloboNews.

Roberto Villar	Centro Universitário Ritter dos Reis	Sul	Foi repórter de meio ambiente da Rádio Gaúcha. Doutor em Comunicação pela UFRS.
Stefano Wroblewski	InfoAmazônia	Norte	Repórter ambiental especializado em jornalismo de dados. Diretor do InfoAmazonia

As quinze entrevistas foram realizadas por meio de videochamadas no Google Meet, e-mail ou WhatsApp. A metodologia utilizada foi a das entrevistas semiabertas, com um roteiro de perguntas comum aos entrevistados – de modo a ser possível a comparação entre as respostas – e perguntas específicas, à medida que transcorriam as entrevistas e que o pesquisador sentia a necessidade de aprofundar algum tema ou aspecto (Duarte, 2015). As entrevistas não foram protegidas por anonimato porque os entrevistados fizeram questão de posicionar-se a respeito dos temas publicamente.

Houve um tempo que audiência e venda de jornais não eram temas afeitos aos jornalistas. As áreas de circulação e marketing cuidavam disso e os jornalistas tinha que se preocupar apenas com a qualidade do produto. Hoje não é mais assim. Por isso não foi surpresa quando alguns profissionais incluíram o assunto entre os desafios do setor: “Os jornais acham que esse tipo de matéria não dá Ibope. O que funciona, para eles, é o jornalismo de furo, denúncia de corrupção, sobretudo quando rende uma série. O que não acontece mesmo quando você faz uma puta matéria ambiental”³, explica Marta Salomon, da Revista Piauí, que também já foi repórter da Folha de S. Paulo e do Estadão. Para ela, há um desinteresse, sim, dos leitores, mas há também uma busca maior dos veículos por audiência. Ana Lúcia Azevedo, repórter de ciência de O Globo, é mais enfática:

Acho que tem a ver com a crise da indústria, com a falta de dinheiro, mas o fenômeno é mais sério do que isso. De certa forma a sociedade também degingolou. E o pior é que quando alguém publica uma bobagem, e as bobagens costumam ser chamativas, vai todo mundo copiando, sem pensar. Isso tem a ver com a diminuição do jornalismo de apuração, da reportagem de campo, com a falta de profundidade. Mas tem a ver também com a demanda do público. Porque se houvesse uma demanda, com toda a crise, a indústria daria um jeito de oferecer o produto. Só que não é isso que está acontecendo⁴.

Claudia Gaigher, especialista em Pantanal, tem uma visão um pouco diferente. Para ela, o jornalista não pode se conformar com o desinteresse do público, do editor ou do dono do veículo: “Para falar de meio ambiente no Brasil, primeiro você precisa

³ Em entrevista ao autor no dia 10 de julho de 2023 por videochamada

⁴ Em entrevista ao autor no dia 27 de junho de 2023 por videochamada

emocionar quem está te assistindo. Os brasileiros se envolveram na defesa do Pantanal nos incêndios de 2020 porque viram os bichinhos morrendo queimados. Meio ambiente não dá Ibope? Depende. Depende de como você conta a sua história”⁵. Stefano Wroblewski, do InfoAmazonia, acha que o jornalista ambiental precisa se preparar melhor para essa batalha: “No fundo, estamos disputando o tempo das pessoas. Elas podem ficar uma hora felizes vendo vídeos de gatinhos no Instagram ou podem se informar sobre temas mais espinhosos. Precisamos aprender a contar melhor as histórias”⁶, bem em linha com os argumentos de Boczkowski. André Trigueiro, repórter da TV Globo e apresentador do “Cidades e Soluções”, acha que algumas histórias não estão sendo bem contadas e cita exemplos de boas reportagens:

Se você pegar o Fantástico de ontem (24 de setembro), você teve uma reportagem de quatro ou cinco minutos do Pedro Vedova sobre adaptação nas cidades aos eventos extremos. A Sônia Bride falando sobre seres marinhos e como eles estão se virando para sobreviver num oceano esquisito. O Cidades e Soluções está no ar há mais de 15 anos, um programa que tem audiência e tem patrocinador, acho que a gente precisa ter mais cuidado na hora de afirmar que o jornalismo ambiental não dá clique⁷.

Daniela Chiaretti, do Valor Econômico, por outro lado, admite que existe algum preconceito e resistência de leitores e editores, mas que a tarefa do jornalismo especializado é explicar melhor, encontrar a linguagem certa:

Existe uma crise sim, mas acho um equívoco ficar reclamando que somos poucos. Nós sempre seremos poucos jornalistas especializados. Esse não é o ponto. O ponto é que todo o jornalista, de qualquer editoria, precisa olhar suas pautas através de uma lente socioambiental. Cumprir a nossa obrigação é tornar essa discussão mais simples⁸.

Já o jornalista Fernando Gabeira, comentarista da GloboNews, concorda com a afirmação de que a cobertura ambiental não dá clique, mas, para ele, essa é uma visão estática e esconde uma oportunidade:

Acho que esse cenário vem mudando, o interesse é crescente. Na questão indígena, por exemplo, as redações sempre diziam que “índio não dá audiência”, hoje não é mais assim. Além disso, a questão ambiental pode não ser tão importante para os consumidores brasileiros, mas nós precisamos nos preparar para produzir histórias ambientais do Brasil para o mundo, deixar de fazer documentários apenas em português⁹.

⁵ Em entrevista ao autor no dia 10 de julho de 2023 por videochamada

⁶ Em entrevista ao autor no dia 7 de julho de 2023 por videochamada

⁷ Em entrevista ao autor no dia 25 de setembro de 2023 por videochamada

⁸ Em entrevista ao autor no dia 7 de julho de 2023 por videochamada

⁹ Em entrevista ao autor no dia 15 de novembro de 2023 por videochamada

O jornalista gaúcho Roberto Villar acha que a questão é financeira: “Essa cobertura não pode depender de patrocínios privados. Se o jornalismo ambiental não tiver fundos públicos, administrados pela sociedade civil, ele não acontecerá”¹⁰. Maristela Crispim, do Eco Nordeste, dá um exemplo concreto de como ainda é preciso melhorar as coberturas no Brasil. Ela conta que, certa vez, participou de um evento no Rio Grande do Norte com 80 jornalistas nordestinos. Antes do início alguém perguntou quantos tinham visto de perto uma cisterna de placas, muito comum na região. Só dois levantaram a mão: “Aí você percebe como as pessoas estão deixando de circular para fazer jornalismo de qualidade, contar boas histórias e parar de reproduzir estereótipos, a retratar o Nordeste como lugar que só tem cactos e belas praias”¹¹.

Como vimos, existe uma certa divisão entre os entrevistados. Uns acham que o jornalismo realmente não está dando clique, que as pessoas estão cansadas de tanta notícia e que “a sociedade degradingolou”, como diz Ana Lúcia Azevedo, do Globo. Outros acreditam que as histórias estão sendo mal contados, como André Trigueiro e Claudia Gaigher. E há até quem veja uma oportunidade de produzir conteúdo ambiental para o exterior, como Fernando Gabeira. Mas o que dizem os números?

Do aniversário da atriz à destruição da Amazônia, o que mostram as métricas?

Além das entrevistas, foram analisadas as audiências de cinco temas socioambientais, que aconteceram ao longo de 2023. Utilizando o critério de relevância e impacto na sociedade foram selecionados os seguintes tópicos: 1) A crise humanitária que atingiu os povos indígenas Yanomamis; 2) A discussão sobre a exploração de petróleo na foz do rio Amazonas; 3) A tentativa de esvaziamento do Ministério do Meio Ambiente, liderado pela Ministra Marina Silva; 4) A votação do marco temporal no Supremo Tribunal Federal; 5) A redução nos índices de desmatamento da floresta Amazônica nos primeiros meses do governo Lula. As métricas foram solicitadas aos editores dos três jornais de referência¹² do país: O Globo, a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo. Apenas os editores da Folha afirmaram que não poderiam fornecer esses

¹⁰ Em entrevista ao autor no dia 24 de julho de 2023 por videochamada

¹¹ Em entrevista ao autor no dia 6 de julho de 2023 por videochamada

¹² Para Wolf (2009), jornais de referência são os que servem de modelo para os demais. Nos EUA, tal função caberia ao *The New York Times* e ao *The Washington Post*.

dados, por serem “informações estratégicas”. As audiências dessas reportagens ambientais, fornecidas pelo Globo e pelo Estado de S. Paulo, foram comparadas com as das reportagens mais acessadas no mesmo dia, conforme apresentado nas tabelas 2 e 3.

Tabela 2: Audiência das reportagens mais lidas, em cinco datas, comparadas com as reportagens ambientais. Jornal O Estado de S. Paulo (pageviews)

23 de janeiro	17 de maio	25 de maio	30 de maio	3 de agosto
Cartão corporativo de Bolsonaro: Na rua, presidente comia pastel; em casa, picanha e camarão 44.451 pageviews	Haesso, cantora sul-coreana, encontrada morta aos 29 anos 130.272 pageviews	‘Se tem alguém que sabe fazer carro popular no Brasil, somos nós’, diz presidente da Stellantis 65.359 pageviews	Band oficializa saída de Faustão e revela quem vai dirigir novo programa 26.645 pageviews	Cientistas acreditam ter encontrado o maior animal da história, superando os dinossauros 49.370 pageviews
Dirigir de chinelo, descalço, sem caminha, pode? Confirma o que é permitido pelo CTB 38.481 pageviews	Apartamento alugado e HB20 na garagem: como vive Edemar Cid Ferreira, ex-dono do Banco Santos 125.132 pageviews	Saiba quem é Jeff Machado, ator morto, enterrado em baú e coberto por 2 metros de concreto no Rio 35.590 pageviews	STF impõe derrota a sindicatos e evita briga com Senado ao manter aposentadoria de juízes aos 75 anos 25.517 pageviews	Corpo de mulher é encontrado enterrado no jardim de casa em Barretos 35.371 pageviews
Tatuagem de Daniel Alves nas partes íntimas foi decisiva para prisão preventiva 21.387 pageviews	Aposta em Brasília é que Moro também terá o mandato cassado 22.449 pageviews	Janja ganhou um apelido no Congresso 35.127 pageviews	Alcolumbre ironiza permanência de Marina: ‘É bom ela ficar para inaugurar o poço com a gente’ 18.630 pageviews	Os 6 alimentos aliados do coração segundo megaestudo 26.802 pageviews
Alunos de medicina da USP pedem ajuda a Casimiro para fazer formatura após desvio de dinheiro 20.241 pageviews	Caçada a quadrilha de mega-assaltos ligada ao PCC termina com 18 mortos e cinco presos 19.004 pageviews	Carro popular: Veja os modelos que terão preço abaixo de R\$ 60 mil 22.528 pageviews	Deltan Dallagnol é intimado a depor na Polícia Federal nesta sexta-feira 16.503 pageviews	Soldado da rota morto no Guarujá tinha filho de 3 anos: ‘Não queria que ele fosse para a PM’, diz avó 19.750 pageviews
Ricardo Eletro reverte falência e pode ser ‘inspiração’ para Americanas 18.952 pageviews	Deltan monta gabinete de crise na madrugada e tem ‘vontade de chorar’, veja vídeo 15.216 pageviews	A Ucrânia vai receber os caças F-16 que desejava. Agora vem a parte difícil: usá-los 15.026 pageviews	Vini Jr: O que um atleta branco australiano tem a ensinar aos jogadores de futebol na Espanha 14.767 pageviews	Meghan Markle exigiu quantia milionária para assinar divórcio de príncipe Harry, afirma portal 17.222 pageviews
Crise humanitária: Entenda o que	Marina Silva impõe derrota a	Marina Silva sob ataque: os três	O que está em jogo na votação do	Desmatamento na Amazônia cai

aconteceu com os povos indígenas Yanomamis em Roraima 3.894 pageviews	ministro do MME e Ibama barra projeto da Petrobras no rio Amazonas 454 pageviews	recados do Congresso à ministra do Meio Ambiente de Lula 2.138 pageviews	PL 490 marco temporal das terras indígenas; entenda 15.431 pageviews	7,4% em um ano; Cerrado tem perda de vegetação recorde no período 210 pageviews
---	--	--	--	---

Tabela 3: Audiência das reportagens mais lidas, em cinco datas, comparadas com as reportagens ambientais. Jornal O Globo (pageviews)

29 de janeiro	17 de maio	25 de maio	3 de agosto	31 de agosto
Bolsonaro planeja ir do aeroporto para o hospital quando voltar ao Brasil 234.475 pageviews	Deputado investigado por anel de luxo dado à atriz Carla Diaz declarou ao TSE ter R\$ 5 mil em contas 284.915 pageviews	Quem é o principal suspeito da morte do ator Jeff Machado 534.541 pageviews	Xuxa e Marlene Mattos fotografam nos bastidores de documentário 267.458 pageviews	Frio continua? Veja previsão de tempo para o início de setembro 126.389 pageviews
‘Ela já não conseguia mais abrir os olhos direito de tanta dor’, diz namorada de Claudia Rodrigues 221.475 pageviews	Apresentador do ‘Pânico’, Emilio Surita se pronuncia após cirurgia para retirada de tumor: ‘Estou bem’ 242.965 pageviews	CPI do 8 de janeiro: colegiado inicia trabalhos com bate-boca e definição de presidência e relatoria 488.407 pageviews	Bruna Marquezine completa 28 anos nesta sexta. Veja curiosidades sobre a atriz 229.374 pageviews	Prefeito de cidade mineira forja queda em moto de alta velocidade e debocha: ‘Avisa a oposição’; vídeo 7.018 pageviews
Proibida por lei, politização avança nas Forças Armadas em meio a sinais de impunidade 214.678 pageviews	Polícia prende quatro brasileiros que levavam R\$ 26,7 milhões de cocaína em cruzeiro de luxo, na França 201.869 pageviews	Tina Turner morreu de causas naturais em sua casa na Suíça, diz jornal 353.829 pageviews	Pedro, após sofrer agressão de preparador físico, vai enfrentar outro problema: desta vez, na Justiça 175.811 pageviews	Presidente do Senado vê interferência do STF sobre maconha, e ministros do Supremo agem para reduzir insatisfação 2.945 pageviews
Negligência do Exército com invasão do Planalto foi interrompida após diálogo duro entre Dino e general 173.728 pageviews	TSE cassa mandato de Deltan Dallagnol 164.024 pageviews	Isis Valverde fala sobre vida nos EUA: ‘Fui muito corajosa. O namorado é maravilhoso e estamos ótimos’ 268.052 pageviews	PF faz operação contra suspeito de ser um dos maiores grileiros da Amazônia 175.654 pageviews	‘Outfit do templo’: Perfil expõe valores de itens de luxo usados por estrelas gospel e viraliza na web; fotos 2.659 pageviews
Aos 45 anos, Renata Fan posa de biquini e desabafa sobre autoaceitação: ‘Não é confortável’ 173.633 pageviews	Barcelona está interessado na contratação de Raphael Veiga, do Palmeiras, diz jornal 86.836 pageviews	Carro popular terá desconto de até 10,96% com alívio de impostos, anuncia Alckmin 221.591 pageviews	Foragido, blogueiro bolsonarista diz vir sempre ao Brasil e contra que cruzou fronteira com R\$ 300 mil em capa de laptop 98.306 pageviews	Um cavalo, um Porsche, bolsas de grife: a apreensão ostentação da PF 2.439 pageviews

Terra indígena Yanomami sofre com segunda investida do garimpo ilegal 11.010 pageviews	Ibama nega pedido da Petrobras para explorar petróleo na Foz do Amazonas 1.446 pageviews	Protagonista de embates, Marina Silva sofre derrotas em série com aval do Planalto 14.803 pageviews	Desmatamento na Amazônia tem menor marca em 4 anos enquanto, no Cerrado, bate recorde 815 pageviews	Zanin vota contra o marco temporal e desempata julgamento no STF 64.584 pageviews
--	--	---	---	---

Foram selecionadas 30 reportagens do Globo e 30 do Estadão, em dez datas diferentes. As datas foram determinadas pelas reportagens ambientais escolhidas, como mostram as tabelas 2 e 3. Em nenhuma das dez datas as reportagens sobre temas socioambientais obtiveram a maior audiência do dia. Apenas duas vezes, uma no Estadão e outra no Globo, o assunto ambiental ficou entre os 5 mais lidos no site do veículo naquele dia. E o tema era o mesmo: a votação do marco temporal pelo Supremo Tribunal Federal. No Globo, no dia 31 de agosto, a matéria com o título “Zanin vota contra o marco temporal e desempata julgamento no STF” alcançou a marca de 64.584 pageviews. Perdendo apenas para a previsão do tempo, com 126.389 páginas vistas. No Estadão, a reportagem “O que está em jogo na votação do PL 490 marco temporal das terras indígenas”, ficou em quarto lugar, com 15.431 pageviews.

Em todos os outros dias, as matérias com temática ambiental tiveram audiências piores, confirmando o pessimismo dos jornalistas. No dia 3 agosto, por exemplo, no site do jornal O Globo, as duas matérias de maior audiência foram, respectivamente, “Xuxa e Marlene Mattos fotografam nos bastidores de documentário”, com 267.458 páginas vistas; e “Bruna Marquezine completa 28 anos nesta sexta. Veja curiosidades sobre a atriz”, com 229.374 pageviews. No mesmo dia, a queda no desmatamento da Amazônia, que alcançou a menor marca em quatro anos, teve apenas 815 acessos.

E o impacto público?

Mas nem só de audiência vive o jornalismo ambiental. Se os meios de comunicação são capazes de transmitirem uma visão das prioridades e de direcionarem a atenção seletivamente entre os temas e problemas existentes, isso quer dizer que eles podem fazer muito mais (McQuail, 1985). Uma das cinco reportagens ambientais escolhidas para esta pesquisa mostra bem o impacto público de uma reportagem bem apurada e bem fundamentada. No dia 20 de janeiro de 2023, quando o país ainda se recompunha das imagens lamentáveis da tentativa de golpe de 8 de janeiro, o site Sumaúma publicou uma história trágica. Com o título “Não estamos conseguindo contar os corpos”, ele mostrava que durante o governo de Jair Bolsonaro, o número de mortes

de crianças com menos de 5 anos por causas evitáveis havia aumentado 29% no território Yanomami. Assinado pelas jornalistas Ana Maria Machado, Talita Bedinelli e Eliane Brum, o texto contava ainda que 570 pequenos indígenas morreram nos últimos quatro anos por doenças que podiam ter sido perfeitamente tratadas (Machado, Bedinelli e Brum, 2023). A reportagem exclusiva mobilizou as autoridades e acordou a mídia tradicional. No dia seguinte, o presidente Lula decretou emergência de saúde pública na região, criou um comitê para enfrentar os casos de desnutrição grave e malária entre os indígenas e anunciou que visitaria a terra Yanomami acompanhado de oito ministros (Lima, 2023).

Toda essa repercussão não impediu, no entanto, que, oito dias depois, o ombudsman da *Folha de S. Paulo*, José Henrique Mariante, resumisse assim o trabalho feito pelo Sumaúma: “Em um ano que mal começou e lotado de notícias, quem trouxe à luz o descalabro da situação Yanomami foi um site ativista, Sumaúma, baseado em Altamira” (Mariante, 2023). Fundadora e inspiradora do Sumaúma, Eliane Brum tem 30 anos de carreira e é uma das jornalistas mais premiadas do Brasil. Em 2021, sua obra jornalística recebeu o prêmio Maria Moors Cabot, o mais importante das Américas, o que dá ideia da importância de seu trabalho e de seu compromisso com os fatos e com as pessoas retratadas em suas reportagens (Marcelo; Cruz, 2023). Quando foi lançado, em setembro de 2022, o Sumaúma divulgou um manifesto:

Mas quem somos nós? Jornalistas com décadas de profissão que compreendem que, diante da emergência climática e da sexta extinção em massa de espécies, precisam criar algo diferente. Nossos valores podem ser resumidos em duas palavras: floresta primeiro. Essa é uma abordagem baseada tanto na ciência climática de ponta, quanto no pensamento indígena tradicional. Como jornalistas, nos posicionamos ao lado dos povos-floresta na linha de frente da guerra movida contra a natureza (Brum, Watts, Goyzueta e Bedinelli, 2022)

Considerações finais

A cobertura socioambiental não dá clique? Se houvesse uma resposta única para a pergunta título deste artigo, ela seria simples: não. Pelo menos é isso que mostram as métricas do Estadão e do Globo apresentadas na pesquisa. Existem exceções, é claro, mas as pessoas, ao que tudo indica, não estão sedentas por esse tipo de informação, não estão ansiosas para saber como anda a crise climática ou a fome no Sul Global. Culpa e medo têm sido o cardápio oferecido à sociedade nos informes climáticos, seja nos comunicados do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), seja na mensagem das ONGs ou nas matérias dos jornais e TVs.

Mudar essa linguagem foi um caminho possível, apontado nas entrevistas com os jornalistas ambientais. É preciso sair das redações e ir para a rua contar histórias novas, mostrar exemplos, apresentar saídas. André Trigueiro e o seu programa “Cidades e Soluções” são um bom modelo a ser seguido. Também não há mais muito espaço para reclamações sobre a falta de estrutura e apoio dos editores ou dos veículos. Como ensinou Daniela Chiaretti, do Valor, o papel do jornalista especializado é inspirar os colegas de redação, espalhar o debate por várias editoriais e simplificar a cobertura.

Outra boa notícia é o crescimento e a valorização da cobertura socioambiental feita pelos novos “arranjos” jornalísticos. A cobertura da crise humanitária dos Yanomamis, no Sumaúma, é um exemplo óbvio, mas não é o único. A Agência Pública, o Repórter Brasil, o Intercept Brasil e a Amazônia Real são pródigos em grandes e boas reportagens nos rincões do país. Nas suas rotinas de trabalho, um dos principais indicadores de desempenho não é a audiência ou o resultado financeiro, é o impacto público. E essa pode ser uma ótima trilha para uma próxima pesquisa. No mais, parece não restar dúvida sobre o papel social do jornalista e a importância do jornalismo na difícil tarefa de enfrentamento das crises climática e ambiental.

Referências

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1978. Disponível em <<https://joropinativo.files.wordpress.com/2012/05/amaral.pdf>>. Acesso 14 ago. 2023

BARBERO, Jesús Marin. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e hegemonia**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

BECKER, Beatriz; WALTZ, Igor. **O Impeachment de Dilma no G1 e no Nexo: Da vocação à padronização do jornalismo**. Revista Latinoamericana de Ciencia de la Comunicación. São Paulo, v.20, n.36, p. 98-108, 2021. Disponível em <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/695>>. Acesso 20 ago de 2022.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito**. In: **Jornalismo Ambiental: Desafios e reflexões**. (Orgs) GIRARDI, Ilza Maria; Schwaab, Reges. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008

BRUM, Eliane; WATTS, Jonathan; GOYZUETA, Verônica; BEDINELLI, Talita. **Sumaúma: jornalismo do centro do mundo**. Altamira, Médio Xingu, Amazônia, 1 de set. 2022. Disponível em <<https://sumauma.com/quem-somos/>>. Acesso 8 de ago. 2023

BOCZKOWSKI, Pablo J. **Abundance: On the Experience of Living in a World of Information**. London: Oxford University Press, 2021

CARDOSO, Gustavo. **A comunicação da comunicação: as pessoas são a mensagem**. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2023

CARVALHO, Edwin dos Santos. **Contribuições de Pierre Bourdieu para o Campo Jornalístico**. Intercom, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 4 a 9 de jul. 2017. Disponível em <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0456-1.pdf>>. Acesso 14 de ago. 2023

DIAMOND, Jared. **Colapso**: Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Rio de Janeiro: Record, 2005

DINIZ ALVES, José Eustáquio. ‘Estamos diante de um colapso ambiental de proporções gigantescas’. **#Colabora**. Rio de Janeiro, 19 nov. 2023. Disponível em <<https://projetocolabora.com.br/ods13/estamos-diante-de-um-colapso-ambiental-de-proporcoes-gigantescas/>>. Acesso 2 de dez. 2023

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: _____ e BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015, p. 62-83.

ESTARQUE, Marina. Em livro sobre abundância de informação, pesquisador argentino debate ‘desvalorização da notícia e revalorização do entretenimento’. **Knight Center – LatAm Journalism Review**. Texas, 3 mar. 2021. Disponível em <<https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/em-livro-sobre-abundancia-da-informacao-pesquisador-argentino-debate-desvalorizacao-das-noticias-e-revalorizacao-do-entretenimento/>>. Acesso 5 dez. 2023

FREIRE, Paulo. **O compromisso profissional com a sociedade**. In: Educação e mudança. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2012

HÁ MUITO por fazer contra riscos da crise climática para paz e segurança, diz ONU. **ONU News**, 23 fev. 2021. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2021/02/1742352?fbclid=IwAR0bWddaqmNmSRVeOSojjTG9o2QWufx7jew46DsAVUjI6R41-h8_gCfL1e0>. Acesso 8 jul. 2023.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Editora Geração, 2004

LIMA, Kevin. **Lula vai a Roraima para oferecer suporte aos indígenas Yanomami vítimas de desnutrição**. **G1**, 21 jan. 2023. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/21/lula-vai-a-roraima-para-oferecer-suporte-aos-indigenas-yanomami-vitimas-de-desnutricao.ghtml>>. Acesso em 14 de ago. 2023.

MACHADO, Ana Maria; Bedinelli, Talita; Brum, Eliane. “**Não estamos conseguindo contar os mortos**”. Sumaúma, Altamira, 20 jan. 2023. Disponível em <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>>. Acesso 4 ago. 2023

McQUAIL, Denis. **Introducción a la teoria de la comunicacion de masas**. Barcelona: Editora Paidós, 1985.

MARCELO, Carlos; CRUZ, Márcia. Eliane Brum: “A luta pela Amazônia é uma luta para sempre”. **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, 27 jan. 2023. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/01/27/interna_pensar,1449676/eliane-brum-a-luta-pela-amazonia-e-uma-luta-para-sempre.shtml>. Acesso 16 dez. 2023.

MARIANTE, José Henrique. **O país alheio aos Yanomamis**. Folha de S. Paulo. São Paulo, 28 jan. 2023. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jose-henrique-mariante-ombudsman/2023/01/o-pais-alheio-aos-yanomamis.shtml>>. Acesso 14 jan. 2023

MARQUES, Luiz. **O decênio decisivo**: propostas para uma política de sobrevivência. São Paulo: Editora Elefante, 2023

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo como forma de conhecimento**. Revista Brasileira de Ciência da Comunicação, São Paulo, vol. XXI, n. 1, pág. 25 – 38, jan/jun. 1998.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

NONATO, C, PACHI FILHO, F. F. & FIGARO, R. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Líbero**, 41, v.1, 2018, p. 101-115. Disponível em <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/956/965>>. Acesso 14 ago. 2023.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**. In: Steinberg- Meios de comunicação de massa. São Paulo, Cultrix, 1976

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado**: o jornalismo como profissão. Lisboa: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em <<https://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>>. Acesso 14 ago. 2023.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo volume I: Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

WATANABE, Phillippe. Novembro bate recorde de calor para o mês e 2023 será o ano mais quente da história. **Folha de S. Paulo**, 6 dez.2023. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/12/novembro-bate-recorde-de-calor-para-o-mes-e-2023-sera-ano-mais-quente-da-historia.shtml>> Acesso 8 dez. 2023